

**Valorização das experiências de
movimento corporal das crianças nas
práticas pedagógicas docentes**

Júlia Nascimento Pizzol





PRODUÇÃO:
JÚLIA
NASCIMENTO
PIZZOL

Prof. Dr. Nelson Figueiredo de Andrade Filho

Supervisão geral:

Colaboradoras:
Professoras, Pedagogas e
coordenadora CMEI Darcy
Castello de Mendonça Vitória-ES,
Matutino
2024

Ilustrações:
Pesquisa Google
Aplicativo:
Canva



Realização:

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Centro de Educação Física e Desportos (CEFD)
Programa Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF)

Vitória
2024

Ficha Catalográfica:

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial de Educação Física e Desportos da Universidade
Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

P695v

Pizzol, Júlia Nascimento, 1983-
Valorização das experiências de movimento corporal das
crianças nas práticas pedagógicas docentes / Júlia Nascimento
Pizzol, Nelson Figueiredo de Andrade Filho. - 2024.
40 f. : il.

Produto Técnico (Mestrado Profissional em Educação Física
em Rede Nacional-PROEF) – Universidade Federal do Espírito
Santo, Centro de Educação Física e Desportos ; [coordenação]
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Modo de acesso: <http://www.educacaofisica.ufes.br/pt-br/produto-tecnico-educacional>

1. Educação física (Estudo e ensino). 2. Educação pelo
movimento. 3. Prática de ensino. 4. Educação infantil. I. Andrade
Filho, Nelson Figueiredo de, 1962-. II. Universidade Federal do
Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III.
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. IV. Título.

CDU: 796

Elaborado por Eliéte Ribeiro Almeida – CRB-6 ES-603

Referência da Dissertação:

PIZZOL, Júlia Nascimento. *Experiências de movimento corporal das crianças: diálogos a partir das práticas pedagógicas das docentes de um CMEI de Vitória*. Orientador: Prof. Dr. Nelson Figueiredo de Andrade Filho. 2024. 196 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2024.



Ficha Técnica

Este material foi produzido na Universidade Federal do Espírito Santo- UFES como recurso pedagógico da dissertação intitulada: *EXPERIÊNCIAS DE MOVIMENTO CORPORAL DAS CRIANÇAS*: diálogos a partir das práticas pedagógicas das docentes de um CMEI de Vitória, apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF).

Foi destinado aos professores da Educação Infantil e a todos interessados por ações pedagógicas que valorizem as Experiências de Movimento Corporal das Crianças (Andrade Filho, 2011). Sua construção foi inspirada nas colaborações das participantes da pesquisa durante as intervenções deste estudo. Tem como objetivo apresentar ações pedagógicas que possam se tornar inspiração para enriquecer as práticas educativas para que possibilitem e valorizem as Experiências de Movimento Corporal com as crianças por considerarmos de extrema relevância pensar o corpo em movimento como maneira crucial em que a criança aprende e se relaciona com o mundo a sua volta, bem como o modo como se apropria e ressignifica a cultura na qual está inserida e assim também se faz sujeito.

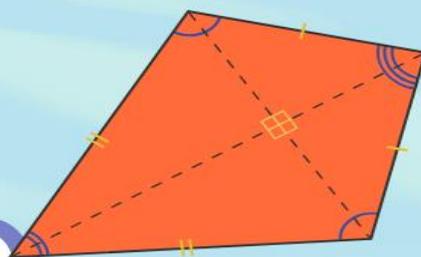
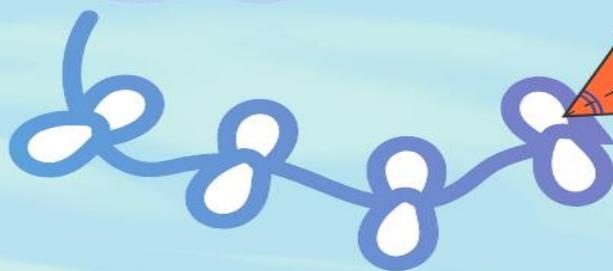
Elaboração:

Júlia Nascimento Pizzol. Professora de Educação Física da Educação Infantil e discente do mestrado profissional PROEF/UFES.

Nelson Figueiredo de Andrade Filho. Professor Doutor em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos- CEF@UFES e do PROEF.

Ilustração:

Aplicativo “Canva” e Pesquisa Google



Sumário

1. Apresentação	6
2. Ressignificação Infantil.....	8
3. Os “achados” da pesquisa.....	10
4. Considerações finais da pesquisa.....	18
5. Propostas de ações pedagógicas em diálogo com as EMC.....	25
5.1 Brincado com a peteca.....	26
5.2 A pipa da gatinha brincalhona.....	28
5.3 Passeios: para além dos muros.....	30
5.4 Dia da saudade.....	33
5.5 Mirandinha e a estrela	35
6. Conclusão.....	39
7. Referências	40





1. Apresentação

A observação diária dos interesses e necessidades das crianças nos Centros de Educação Infantil (CMEI's) nos convocam a repensar e refletir com metodologias que conversem e melhor compreendam as culturas infantis tomando o corpo em movimento como ponto de partida, “como ação social, pedagógica de iniciativa do próprio sujeito criança, ou ainda, como o mais próprio modo de a criança agir, acontecer e conhecer a realidade pelo seu próprio do ponto de vista” (Andrade Filho, p. 138, 2011).

Numa visão ampliada diante da Educação Infantil, compreendemos que, as relações entre diferentes campos do conhecimento qualificam os processos de ensino-aprendizagem que ocorrem no CMEI. Hereditamos que, nas suas práticas pedagógicas, os professores, em acordo com as crianças, podem determinar múltiplos significados e revelar várias possibilidades para o trabalho com todos os temas brincados, principalmente com as experiências de movimento corporal das crianças.

É necessário que as ações das crianças através das experiências de movimento corporal sejam reconhecidas e valorizadas no contexto da Educação Infantil. Desta forma, as práticas pedagógicas docentes devem favorecer e valorizar as experiências de movimento corporal das crianças já que constituem especificidades peculiares e necessárias a esta etapa de ensino e são imprescindíveis para as crianças dentro da sua cultura infantil.

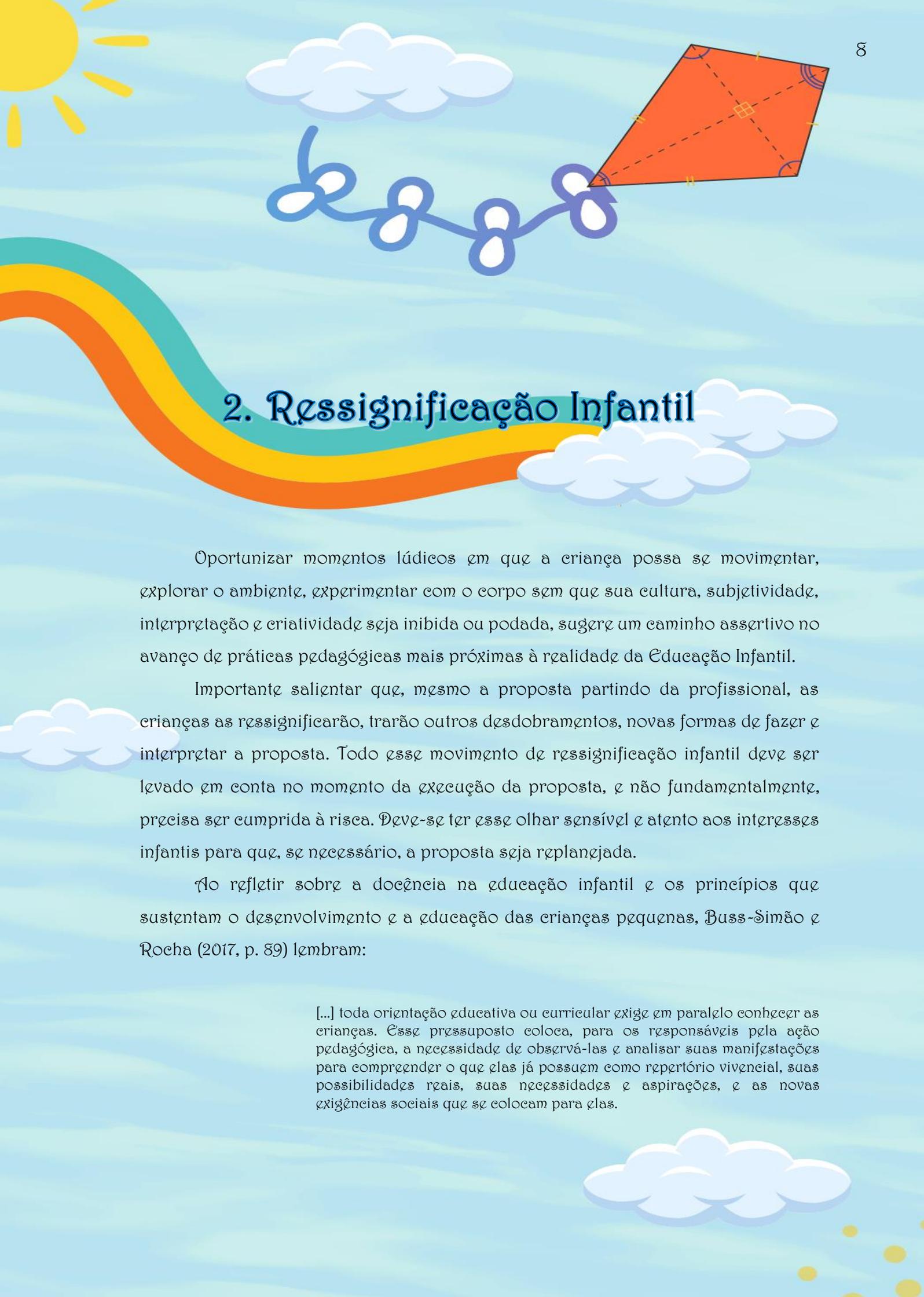


Assim, nossa intencionalidade foi sugerir ações educativas que valorizem e que possam oportunizar essas experiências de movimento corporal das crianças. Essas ações educativas sugeridas são diversas, e não se restringem a um período etário específico ou a uma área do conhecimento. Elas podem ser realizadas como ressignificação do cotidiano do CMEI, como projetos ou como, por exemplo, atividades pedagógicas com interlocução entre áreas de conhecimento com participação de diferentes profissionais do CMEI.

Oportuno dialogar que essas ações podem se desdobrar em outras possibilidades de experiências sendo o **processo** de aprendizagem infantil fundamental na construção das experiências e conhecimentos.

[...]o foco recai sobre o processo e não sobre o produto. Nos processos de aprendizagem, com seus percursos, tempos e ritmos diferenciados e sentidos produzidos, é que se dão novas descobertas e também novos questionamentos, pois as investigações existem para problematizar o vivido (Vitória, 2020 p.79).





2. Ressignificação Infantil

Oportunizar momentos lúdicos em que a criança possa se movimentar, explorar o ambiente, experimentar com o corpo sem que sua cultura, subjetividade, interpretação e criatividade seja inibida ou podada, sugerir um caminho assertivo no avanço de práticas pedagógicas mais próximas à realidade da Educação Infantil.

Importante salientar que, mesmo a proposta partindo da profissional, as crianças as ressignificarão, trarão outros desdobramentos, novas formas de fazer e interpretar a proposta. Todo esse movimento de ressignificação infantil deve ser levado em conta no momento da execução da proposta, e não fundamentalmente, precisa ser cumprida à risca. Deve-se ter esse olhar sensível e atento aos interesses infantis para que, se necessário, a proposta seja replanjada.

Ao refletir sobre a docência na educação infantil e os princípios que sustentam o desenvolvimento e a educação das crianças pequenas, Buss-Simão e Rocha (2017, p. 89) lembram:

[...] toda orientação educativa ou curricular exige em paralelo conhecer as crianças. Esse pressuposto coloca, para os responsáveis pela ação pedagógica, a necessidade de observá-las e analisar suas manifestações para compreender o que elas já possuem como repertório vivencial, suas possibilidades reais, suas necessidades e aspirações, e as novas exigências sociais que se colocam para elas.



Nesse raciocínio, é necessário admitir que sempre haverá uma leitura infantil àquela prática, resultando numa nova composição de sentidos, novas conexões e ressignificações elaboradas pelas crianças durante a proposta. Desta forma, por mais que possamos planejar ações educativas com as crianças, os caminhos formados no percurso da experiência no contexto real é que serão determinantes para a prática pedagógica sugerida.

Assim, entendendo que a cultura infantil está subjacente a qualquer atividade prescritiva ou a arranjos curriculares, cabendo a nós, profissionais que lidamos com as crianças, que mediamos essas ações pedagógicas e que estruturamos os espaços de convivência que elas estão inseridas, proporcionarmos um ambiente de valorização das experiências de movimento corporal tendo atenção e um olhar sensível aos interesses e necessidades infantis. Conforme Andradé Filho (2011, p.13)

Se essas necessidades e interesses da criança não forem considerados do seu ponto de vista no dia a dia do trabalho pedagógico realizado na Educação Infantil, expropria-se a chave e compromete-se sensivelmente o desenvolvimento, a educação, socialização da criança como sujeito.



3. Os “achados” da pesquisa

Após a pesquisa, trouxemos alguns indicadores finais com pontos analíticos que elucidamos a partir do estudo produzido dentro do CMEI Darcy Castello de Mendonça, com as colaboradoras do período Matutino.

O 1º ponto analítico de relevância foi considerar que a metodologia escolhida para o estudo foi acertada.

A metodologia do estudo se mostrou adequada e acertada, já que as microrreuniões e o questionário permitiram diálogos que trouxeram à tona inúmeras contribuições, mostrando-se um processo virtuoso para revelar esses sentidos que estão invisibilizados e inaudíveis. Refletimos que, usando uma metodologia dialógica, que procura se adaptar às condições do CMEI, que colocam questões que interessam às professoras, observamos que elas colaboram, participam e falam. Lançar mão de oficinas práticas dentro desses encontros também se mostrou eficaz na sensibilização das colaboradoras quanto ao tema estudado.

A metodologia de investigação escolhida é dialógica e incita a reflexão das colaboradoras sobre a própria prática, sobre como podem pensar em valorizar e oportunizar as experiências de movimento corporal das crianças. A metodologia foi capaz de propor uma reflexão, uma conversa com elas e entre elas. De certo modo, as colaboradoras da pesquisa demonstraram a preocupação de fazer aquelas experiências propostas pela BNCC, e essa reflexão sobre a prática pedagógica durante o serviço funcionou como um modo diferenciado de realizar a formação dentro do ambiente de trabalho.

Esse modo de fazer, além de não aumentar a carga/tempo de trabalho diário das professoras, ainda as ajuda a organizar as ideias sobre a própria prática pedagógica, em consonância com aquilo que orientam os documentos oficiais. Permite, assim, que estudem durante o trabalho diário, por isso possibilita, também, que planejem melhor o que e como vão realizar seus atos de ensino. Muitas vezes, há ganhos de compreensão de uma nova lógica pedagógica com a modificação das ideias ultrapassadas, enrustadas nas suas mentalidades resistentes à inovação pedagógica. Esse modo de fazer a formação no ambiente de trabalho é um novo caminho que pode contribuir muito com a produção de uma perspectiva pedagógica para a Educação Infantil, com qualidade superior àquela hoje predominante.

A metodologia, feita por uma própria colega de trabalho, está apontando um caminho de fazer um trabalho de formação, de organização e renovação das ideias pedagógicas a partir da análise da própria prática pedagógica. Isso é uma solução metodológica e até uma inovação metodológica que o estudo está revelando como uma via de mão dupla: uma investigação como formação e uma formação como investigação.

A Deme poderia se organizar para incentivar esse tipo de formação nos CMEIs. Observamos que esse formato pode complementar e caminhar junto com as formações já conferidas pela Deme. Esse formato proposto pode gerar uma reflexão para fazer a professora relacionar prática/teoria e teoria/prática com a sua prática pedagógica, numa conversa entre professores de diferentes áreas e períodos etários. Abre-se espaço dentro do próprio espaço do CMEI, no dia a dia. O que se viu foi uma possibilidade potente de tirar conhecimento da própria experiência pedagógica que está no CMEI. É possível valorizar o conhecimento que emerge do chão da escola, do cotidiano, abrindo visibilidade, colocando o professor não só como consumidor, mas ocupando o lugar da escrita, como produtor do conhecimento. É muito interessante destacar que a investigação propôs, e as professoras aceitaram, refletir sobre a questão da promoção das EMC das crianças. Elas podiam ter rejeitado. Elas podiam não ter dito nada interessante. Mas elas colaboraram, empenharam-se, esforçaram-se, tentaram mostrar a compreensão que elas têm. Mostraram-se honestas, compromissadas e companheiras na colaboração com a pesquisa. Dessa forma, reconhecemos todo o esforço despendido pelas colaboradoras de dizer, de exprimir, de expressar, de nos ajudar a construir um entendimento mais coletivo

dessa questão aqui entre nós. Isso é fundamental para podermos trazer sugestões e orientações que decorrem da própria conversa que nós fizemos.

O 2º ponto analítico de relevância foi compreender que **fazer a docente refletir sobre seu próprio corpo, sobre suas próprias experiências é importante para a promoção das experiências de movimento corporal das crianças**

Quer dizer que se a docente tomar consciência das suas EMC ou da sua experiência da infância, ela vê sentido em colocar tais experiência de movimento corporal como objetivo da sua interação educativa com as crianças no CMEI?

Segundo Bondía (2002, p. 25), “A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”. Portanto, entender como as professoras sentiram a experiência corporal vivenciada na primeira reunião da primeira fase da investigação e foi refletida na primeira pergunta da segunda parte do questionário, parece ser um fundamento empírico importante para sensibilizar docentes que trabalham na Educação Infantil, especialmente para que tomem consciência de que as EMC precisam ser promovidas por meio dos seus atos de ensino. Como refletiu a Colaboradora 8: “E se a criança fosse eu?”.

Vimos, também, que fazer com que a docente possa refletir e tomar consciência sobre a sua própria experiência e história de vida é uma chave para fazer com que as professoras se sensibilizem sobre a importância das EMC nos seus atos de ensino. Elas refletiram que, tomando consciência das suas próprias necessidades, elas podem compreender a necessidade do outro.

As professoras foram levadas a perceber que o seu “saber da experiência” (Bondía, 2002), ou seja, as suas próprias vivências, a sua própria história de vida indicam o sentido e qual prática pedagógica devem realizar com as crianças no CMEI. Uma prática pedagógica que valorize as EMC, visto que são mais prazerosas, satisfatórias e significativas.

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (Bondía, 2002, p. 27).

A pesquisa está mostrando que fazer um trabalho como este que nós fizemos (provocação sobre pensar as EMC) faz aflorar, no discurso, nas falas e na

consciência das professoras, a compreensão de que elas percebem que, tomando consciência da sua própria experiência de brincar com as EMC, elas podem ver isso como fundamento da prática pedagógica que realizam.

Vimos que um modo de fazer a professora perceber as experiências de movimento corporal é acendendo a consciência dela sobre isso, com sua própria experiência.

[...] o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. A primeira nota sobre o saber da experiência sublinha, então, sua qualidade existencial, isto é, sua relação com a existência, com a vida singular e concreta de um existente singular e concreto. A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida (Bondía, 2002, p. 27).

O conhecimento da experiência da docente precisa ser respeitado, já que é assim que o conhecimento da experiência se constitui. Assim, tomar consciência das próprias experiências é um caminho para compreender o significado das experiências que se podem propor às crianças por meio das brincadeiras.

Não falamos somente das experiências das docentes vividas enquanto crianças. Referimo-nos, também, às experiências que elas podem adquirir enquanto profissionais, experimentando, vivendo, experienciando com o próprio corpo todo, com as crianças e com as pessoas que estão no nosso dia a dia no CMEI. Falamos das experiências que adquirimos dentro do nosso espaço, com os materiais disponíveis naquele lugar. E não de outro. Do nosso! Da nossa realidade! Com os nossos colegas e parceiras do dia a dia. Realizar formações que realmente terão sentido para aquelas que as fazem!

Nessa perspectiva, adentramos o **3º ponto analítico** interpretado como relevante para nossa pesquisa: **considerar que dentro do CMEI tem conhecimento.**

Isso reforça a ideia de que vale a pena fazer pesquisa e conversar com quem está na prática pedagógica, porque dali se extraem conhecimentos que não estão assentados em textos, em bibliografias existentes, em documentos orientadores. Assim, observamos que também vale a pena buscar o conhecimento na prática pedagógica dentro do CMEI. Ou seja, de um lugar onde se pode produzir conhecimento válido para consumo no próprio sistema. Considerar que dentro do CMEI tem conhecimento não indica considerar que na universidade não tem, indica considerar que na universidade também se pode reconhecer que no CMEI tem

conhecimento. O que se pode constatar é que os conhecimentos não estão aprendidos. Nós estamos aprendendo e os revendo a todo instante. Dessa forma, o estudo indica uma contribuição também nesta perspectiva.

É por isso que a investigação vai servindo como formação e a formação vai servindo como orientação para a prática. É também uma forma de mostrar que nós temos, sim, experiência; nós temos, sim, conhecimento. É que o conhecimento do nosso conhecimento nos orienta a fazer melhor que a gente já faz, e faz bem, mesmo com todas as dificuldades apresentadas.

Como 4º ponto analítico interpretado, consideramos que **é necessário que no curso de formação inicial de pedagogia, mais disciplinas falzem da corporalidade infantil** e, consequentemente, também sobre as experiências de movimento corporal das crianças. Tendo em vista a importância das EMC para as nossas crianças dentro da sua cultura infantil, é necessário que o curso de Pedagogia se aproprie mais das questões que envolvem o movimento corporal das crianças, da relação do corpo e infância. Assim, as professoras poderão dialogar melhor, principalmente com os profissionais da área de Educação Física, resultando, assim, em práticas pedagógicas mais coletivas e humanizadas, rompendo o engessamento da cultura escolar. Essas práticas mais coletivas e humanizadas afirmam os direitos das crianças à educação mais significativa.

Dialogando sobre a questão da corporalidade no processo educativo, as colaboradoras começam a perceber que a gente tem que cuidar das crianças como seres integrais e que temos que nos atentar que, na formação inicial do curso de Pedagogia, possa ter uma certa dificuldade desse olhar para a corporalidade na educação. É um tema que pode ser explorado. Não dá para se fazer educação sem se discutir corpo.

O que buscamos foi colocar a discussão da corporalidade dentro da prática pedagógica da professora na Educação Infantil, analisando o que já está lá e não está sendo percebido e visto na própria prática pedagógica delas. Pretendemos revelar e refletir sobre as questões que permeiam as EMC e que precisam ser afirmadas e reafirmadas, ou colocadas como orientações para o trabalho coletivo, com outro sentido pedagógico, buscando suprir lacunas que possam permear a formação pedagógica acadêmica inicial das nossas colaboradoras.

Como **5º ponto analítico** interpretado, consideramos que é possível **modificar, se for necessário, o funcionamento, a organização das rotinas do CMEI e a partilha do trabalho.**

O trabalho não precisa ser isolado. Ele pode ser combinado, partilhado, coletivizado. O espaço também pode ser reorganizado, repensado e ressignificado. É possível reinventar a rotina, a divisão do trabalho e partilhar projetos em nome de superar as limitações que a formação inicial pode ter dado, superar os isolamentos, superar a cultura escolar ou estabelecer outra, procurar meios de agregar e compartilhar esforços e até mudar as condições de trabalho para fazer melhor dentro das instituições de Educação Infantil.

Se os professores, junto com a equipe atuante no CMEI, em comum acordo, observarem que existe um melhor caminho para seguir e, assim, desejarem tais mudanças, é necessário que:

- A Secretaria de Educação do Município esteja aberta a ouvir, considerar e refletir sobre as propostas dos profissionais que estão nos CMEIs e, assim, buscar caminhos para ressignificar o funcionamento da Educação Infantil do município;
- A comunidade do CMEI (famílias) seja orientada que o que se busca é melhorar a educação dos seus filhos e filhas e apresentar novas perspectivas em prol das crianças;
- É necessário conversar sobre o ato de ensino com as famílias por meio de reuniões, para que elas compreendam e assimilem os objetivos na Educação Infantil, a metodologia utilizada nas mediações do ensino e, assim, possam entender, apoiar e respeitar os profissionais que lidam com seus filhos durante essa etapa de ensino. Os pais têm ideias preconcebidas que divergem, algumas vezes, das necessidades pedagógicas para a Educação Infantil institucionalizadas. É preciso afirmar e reafirmar às famílias a competência profissional e formativa dos professores, a lógica do ensino, explicitando qual é o sentido da nossa proposta pedagógica com os filhos deles. Os pais precisam ser esclarecidos sobre as possibilidades pedagógicas. É importante montar programações para esse diálogo com as famílias, necessitando ser uma pauta política da própria gestão do CMEI.

É, por fim, como **6º ponto analítico** interpretado como relevante: **é preciso observar as crianças e aprender com elas, fazer com elas**. Brincar com brincadeiras que promovam as experiências de movimento corporal das crianças conforme os caminhos indicados por elas.

Para colocar a professora em sintonia mexemos com a história, a memória e com a experiência dela, fazendo-a “sentir na pele” como é ruim ficar sentada esperando, parada, estática; fazendo-a refletir sobre as escolhas metodológicas dos atos de ensino que realiza com as crianças.

Qual o caminho? Olhe as crianças, dialogue com elas! As crianças dizem o tempo todo, seja com seu corpo, com suas expressividades ou com palavras. Elas apontam o caminho. Muitos dizem que as crianças são os grandes mestres da brincadeira. A gente não deve sempre só ficar levando brincadeiras, impondo brincadeiras, metas e regras de um jeito que as crianças não se identifiquem ou que não façam sentido para elas. Nós devemos brincar com elas e a partir do que elas brincam, nós vamos complexificando, levando outras brincadeiras. É preciso conhecer as crianças. Como elas são? Como elas se desenvolvem? Qual a sua realidade socio cultural? E nesse caminho vai se percebendo quais brincadeiras fazem mais sentido para elas e qual modo de fazer está mais em sintonia com as crianças.

Numa das falas de uma professora sobre a proposta que as crianças construíram um foguete e depois brincaram à sua maneira mostra que as crianças se apropriaram da proposta e a realizaram conforme seus interesses e suas vontades. Corsaro (2002) chama essa ação da criança de “reprodução Interpretativa”. A ideia de reprodução interpretativa foi proposta pelo sociólogo da infância William Corsaro, na tentativa de desconstruir a maneira linear e individualizada pela qual o conceito de socialização era tradicionalmente abordado.

Com o advento da Sociologia da Infância, portanto, o processo de socialização e educação das crianças passa a ser pensado levando em conta também a participação ativa das crianças, que ora aceitam, ora resistem, ora reinventam os termos da cultura adulta (Abramowicz; Oliveira, 2010; Montandon, 2001; Sarmiento, 2009; Sirota, 2001 apud Evangelista; Marchi, 2022, p. 9).

Quando a criança vive a experiência, mesmo que seja a experiência sugerida pelo outro adulto, ela vive conforme as condições que ela tem, com os interesses que ela tem, com as possibilidades que ela tem. Então, ela acaba resignificando. Ela reproduz ao modo dela. É assim que a criança produz cultura. Ela produz aquilo que nós orientamos que ela faça, porém do jeito dela. Cabe ao professor perceber que, assim, ela pode, sabe fazer e aprender. E isso ocorre porque ela é um sujeito. Ela não é um objeto que vai reproduzir exatamente como nós gostaríamos. Alguns professores cobram da criança um fazer exatamente como eles querem que seja feito, de maneira impositiva e sem diálogo.

É na esfera interpretativa da Sociologia da Infância – que concebe a infância como uma categoria social e a criança como um ator que constrói seus processos de subjetivação a partir dos elementos simbólicos dos seus mundos de vida – que este conceito vai se tornar central em estudos etnográficos sobre temas voltados para as atividades coletivas das crianças e as formas como elas (re)produzem, negociam e compartilham cultura entre elas e com os adultos (Corsaro, 2011 *apud* Evangelista; Marchi, 2022, p. 3).

O plano da experiência corporal faculta esse direito interpretativo de cada um, conforme seus interesses, vontades e necessidades. É preciso que o adulto compreenda diferente a criança para interagir diferente com ela. Este é o desafio do processo educacional de qualidade pedagógica: respeitar a relação humana com as crianças.

4. Considerações finais da pesquisa

A pesquisa “EXPERIÊNCIAS DE MOVIMENTO CORPORAL DAS CRIANÇAS: diálogos a partir das práticas pedagógicas das docentes de um CMEI de Vitória” objetivou analisar as possibilidades de favorecer/ oportunizar / valorizar as EMC das crianças nas práticas pedagógicas docentes na opinião das colaboradoras da pesquisa do CMEI Darcy Castello de Mendonça (DCM) do turno Matutino tomando como referência os diálogos advindos das ações formativas propostas no estudo e dialogar interpretativamente com os documentos norteadores mais recentes.

Observamos com o estudo que há um esforço grande das colaboradoras em oportunizar/estimular/valorizar as experiências de movimento corporal das crianças no planejamento de suas práticas pedagógicas e que tal assunto já permeia seus discursos recorrentemente. Vimos que elas têm consciência da importância destas experiências para as crianças e que estão avançando na compreensão de um fazer pedagógico que esteja em consonância com as necessidades de interesses das crianças. As atividades apontadas por elas dialogam com os documentos norteadores mais recentes, mas vimos que esses documentos não são tomados como roteiro ou como algo prescritivo impositivo. Elas interpretam os documentos como mais um instrumento que pode ajudá-las a orientar melhor o seu trabalho.

Observamos que as colaboradoras estão traçando um caminho assertivo no avanço de práticas pedagógicas mais próximas da realidade da Educação Infantil. De acordo com as discussões realizadas, acreditamos elas estão oportunizando momentos lúdicos em que a criança se movimentam, exploram o ambiente, experimentam com o corpo estando atentas as ressignificações e enunciações infantis.

É importante salientar que, mesmo a proposta partindo da professora, as crianças as ressignificam, trarão outros desdobramentos, novas formas de fazer e interpretar. Todo esse movimento de ressignificação infantil deve ser levado em conta no momento da execução da proposta, que não necessariamente precisa ser cumprida à risca. Deve-se ter esse olhar sensível e atento aos interesses infantis e, se necessário, a proposta ser replanejada.

O primeiro objetivo específico foi **dialogar com as docentes do CMEI DCM sobre as experiências de movimento corporal, por entendê-las como um tipo de experiência fundamental da infância, em favor de um desenvolvimento e de uma educação mais significativa para as crianças.** Acreditamos que, propondo ações formativas que possam dialogar sobre a importância de se valorizarem as experiências de movimento corporal das crianças no contexto do CMEI, podemos caminhar para um avanço, na tentativa de buscar uma educação cada vez mais significativa para as crianças. Temos ainda muito o que progredir, principalmente sobre a visão de infância e sobre a utilização do movimento puramente de forma instrumental. Mas oportunizar esses momentos de diálogo já pode ser um pontapé para reflexões acerca desse assunto.

Refletir, coletivamente, as possibilidades de interpretação e ressignificação no âmbito do CMEI DCM, dos campos de experiências prescritos na BNCC e nas Diretrizes Curriculares de Vitória/ES e suas possibilidades de articulação com às EMC das crianças foi o nosso segundo objetivo específico. Nessa reflexão, as colaboradoras afirmaram que os campos de experiências (BNCC) e os TIVs estão sendo interpretados e ressignificados a partir dos projetos pedagógicos e práticas docentes propostas de acordo com o contexto vivido no CMEI.

Acreditam que já tiveram muitos avanços, porém que os projetos e práticas coletivas poderiam ser ainda mais bem estruturados e direcionados para as crianças, se houvesse mais planejamentos coletivos para gerar novas possibilidades, por meio do diálogo entre profissionais de várias áreas e de diferentes períodos etários. Assim, seria possível valorizar mais momentos de experiências de movimento corporal das crianças. Também, como resultado da reflexão das colaboradoras, elas destacaram que a cultura escolar enraizada, como, por exemplo, a cobrança da alfabetização das crianças antecipadamente (visão das famílias sobre a função da etapa da Educação Infantil), práticas coletivas exercidas no CMEI passadas de geração em geração, sem discussão, influenciam negativamente no cotidiano das ações do CMEI e a valorização das experiências de movimento corporal das crianças.

Como nosso terceiro objetivo, propusemos **recolher sugestões de reorganização de rotinas e planejamentos coletivos durante as ações formativas nas microrreuniões durante a pesquisa**. Não houve sugestões para alterações específicas de rotinas, apesar de as colaboradoras externarem uma preocupação muito grande quanto à rigidez excessiva e pouca flexibilidade. O que surgiu nos diálogos foram sugestões de práticas coletivas e integradoras de períodos etários diferentes. Salientaram que seus projetos e planejamentos ficam limitados pela rotina e até mesmo as interações entre as turmas se mostram, por vezes, inviáveis, devido ao estabelecimento de horários rígidos de lanche, almoço, dentre outros. Quanto aos planejamentos coletivos, alegam que sua realização ainda precisa ser mais significativa e eficaz e que mais momentos poderiam ser pensados ao longo do ano, assim como o formato realizado nas microrreuniões durante as intervenções da pesquisa.

Como quarto objetivo a ser alcançado, pedimos às colaboradoras que **sugerssem práticas pedagógicas que valorizem as experiências de movimento corporal das crianças**. Alguns desdobramentos quanto a esse objetivo surgiram no decorrer dos diálogos e reflexões e tomamos como importantes, já influenciam a potencialização, valorização e oportunidade das experiências de movimentos corporais das crianças. Assim, antes de iniciarem suas sugestões sobre as

práticas pedagógicas propriamente ditas, elas expuseram propostas como: diminuir o número de alunos por sala; ter atenção ao excesso de mobiliários, principalmente nos Grupos 6; ter acesso a materiais, como bolas, bambolês entre outros; ter acesso à sala de artes; ter uma sala multiuso, com tatames, fantasias, adereços, sem grandes mobílias; ter mais acesso aos espaços abertos do CMEI. Como sugestão de práticas pedagógicas coletivas, tivemos sugestões de: sextas-feiras de interações fixas, Dia do Aniversário, Correio do Afeto e Dia da Saúde; além da proposta dos Passzios: o CMEI para além dos muros. Também levamos em consideração propostas que as colaboradoras já experimentaram em algum momento, seja com a turma atual, seja em outro CMEI ou quando estavam em atendimento a outra faixa etária. Dessa forma, abrimos a oportunidade não só para planejamentos, como também para trocas de experiências entre as colaboradoras, gerando uma possibilidade de inspiração daquelas que participavam do momento. Dentre as propostas que foram explanadas, destacamos: “Brincando com a peteca”; “Mirandinha, a menina que queria pegar uma estrela”; “Passa... passa a latinha”; “A pipa da gatinha brinealhona”; “Avião e seus voos”; “Explorando o ambiente a sua volta”; “A história da aranha Safira” e “Livro: brincadeiras preferidas da turma”. No nosso ver, todas essas propostas oportunizam as experiências de movimento das crianças de alguma maneira e podem ser inspiração para pensar outras propostas que respeitem os interesses e necessidades das crianças.

Por fim, nosso último objetivo específico foi **gerar um recurso educacional para sugerir práticas pedagógicas que valorizem as experiências de movimento corporal das crianças**. A partir das ações pedagógicas dialogadas nos encontros formativos pelas colaboradoras e também a partir do nosso olhar interpretativo e criativo, propomos um caderno didático interativo com algumas sugestões de ações pedagógicas que possam contribuir, de alguma maneira, com práticas pedagógicas que valorizem as experiências de movimentos corporal das crianças, já que entendemos como um interesse e necessidade típico da cultura infantil, sendo, assim, valiosas oportunidades de promover aprendizados mais significativos para as crianças. Nos inspiramos em algumas ações pedagógicas

propostas pelas colaboradoras da pesquisa e as planejaremos no próximo capítulo. Importante salientar que essas propostas não são receitas de bolo para pura reprodução. Elas tiveram um contexto como a localidade do CM EI, as crianças, as famílias, os nossos espaços do CM EI e foram sugeridas também a partir do projeto institucional daquele centro de educação infantil de Vitória. Sabemos que podem ser inspirações para novos projetos ou ações pedagógicas de outros lugares, mas precisam estar contextualizadas com o local e as pessoas que ali possam estar.

Para que essas propostas possam realmente fazer sentido para as crianças é importante que os profissionais possam ter mais momentos de diálogos coletivos e menos tempos de planejamentos individualizados. Saber o que se propõe o outro, suas dificuldades e potencialidades, suas sugestões para novas formas de pensar e fazer a rotina e projetos, numa atmosfera colaborativa de vários profissionais diferentes envolvidos, gerariam oportunidades valiosas de resignificação das práticas pedagógicas e cultura escolar instaurada em prol das crianças e suas experiências.

A pesquisa revelou que, com pequenos ajustes nos tempos de planejamento e com a sistematização de uma proposta formativa efetiva, com a participação entre profissionais da nossa instituição, por meio de microrreuniões presenciais dentro do nosso próprio espaço, é possível trazer à tona assuntos relevantes ao cotidiano vivido no CM EI, bem como muitas possibilidades de experiências mais significativas para nossas crianças.

Com a pesquisa, abre-se uma nova possibilidade de metodologia escolhida para as formações conferidas pela SEME, formações internas e planejamentos coletivos durante o ano letivo. Pode-se também fornecer indícios e caminhos na abertura de novas formas de repensar os tempos de planejamento tornando-os mais produtivos coletivamente, a fim de oportunizar ricos debates e discussões sobre a Educação Infantil, práticas pedagógicas, projetos coletivos, organização

do PPP, trocas interativas entre faixas etárias diferentes, estratégias para superar a cultura escolar enraizada, valorização das experiências de movimento das crianças entre outros assuntos que se mostrarem pertinentes àquele grupo do DCM durante todo o ano letivo.

Sugerimos que esses planejamentos coletivos sejam feitos mensalmente, para que o grupo possa aproximar as práticas pedagógicas e trabalhar em unidade, potencializando diálogos e ações que refletirão diretamente no trato com as crianças.

Quanto à oportunidade e valorização das experiências de movimento corporal das crianças, há quem diga que elas ocorrem o tempo todo, em todos os locais e em todos os instantes; que os professores e demais profissionais que atuam com as crianças buscam formas criativas de mediação, de utilização dos espaços existentes, de materiais e métodos diversificados. Há quem diga que existem entraves que dificultam essas experiências, como cultura escolar enraizada, mobiliários excessivos ou não adequados para os espaços, rotinas rígidas e muito sistematizadas, falta de formação aos profissionais. Há quem aposte que esses momentos podem ser resignificados.

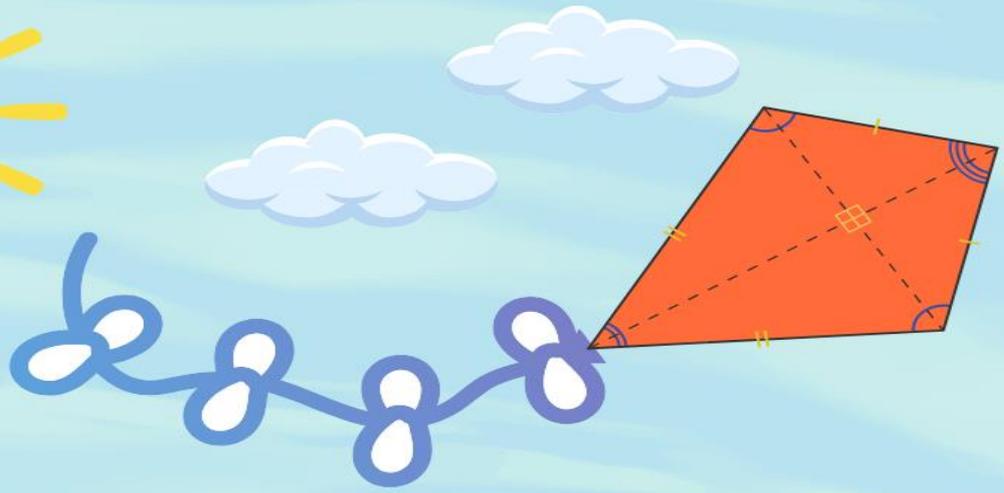
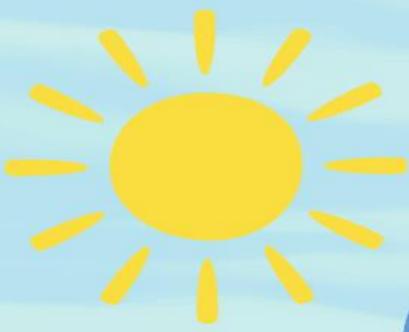
Na busca pela valorização das experiências de movimento corporal nos centros de Educação Infantil, o professor de Educação Física tem papel fundamental e primordial, já que ele pode orientar a prática pedagógica, contribuindo com o coletivo, a partir dos conhecimentos específicos da sua área.

Num consenso crítico e analítico das reflexões realizadas anteriormente, as profissionais que participaram da pesquisa concordam que as experiências de movimento corporal das crianças precisam ser valorizadas e proporcionadas dentro das práticas pedagógicas docentes, para que estas possam ser correlacionadas à cultura infantil e trazerem maior sentido e significado a quem se destinam.

Considerar a corporalidade no espaço educacional é priorizar uma aprendizagem que não se limite a aulas expositivas por parte do professor e não restrinja o aluno a mero receptor, reconhecendo que o conhecimento do mundo não se faz somente pela via cognitiva, mas também pelas sensações, sentimentos, vivências (Perzira; Bonfim, 2006, p.65).

Assim, os documentos norteadores, apesar de auxiliarem nas práticas pedagógicas, não devem ser tomados como verdade absoluta, muito menos como uma receita a ser seguida ou uma fórmula que deva ser concebida. Cada educador tem uma forma de interpretar a documentação e é no contexto vivido naquela realidade específica, respeitando os interesses e necessidades daquelas crianças, daquela cultura, daquele espaço, daquela comunidade educativa, que produziremos práticas pedagógicas mais contextualizadas e singulares com as infâncias, que valorizem a cultura delas.

Por fim, concluímos que ainda precisamos refletir e pensar mais sobre como valorizar as experiências de movimento corporal das crianças nas práticas pedagógicas docentes da Educação Infantil. Precisamos de mais pesquisas sobre este assunto, não só envolvendo os adultos, mas principalmente estudos que ouçam as crianças e que criem metodologias de interlocução com elas para que, junto com as professoras, possam pensar a ampliação e fomento das experiências de movimento corporal das crianças nos centros de Educação Infantil. Também apontamos a necessidade de refletir sobre como os projetos coletivos podem ser articulados, de maneira genuinamente coletiva, e não com fazeres isolados nos seus períodos etários e nos seus campos de conhecimento.



5. Propostas de ações pedagógicas
em diálogo com as EMC



5.1 “Brincando com a Peteca”

Mediação proposta:

1) Levar uma peteca para o grupo e perguntar para as crianças se elas conhecem aquele objeto, se elas já brincaram ou já vivenciaram alguma brincadeira com ele. Explicar que aquele objeto foi produzido tendo como inspiração a sua origem nos povos indígenas.

2) Utilizando imagens impressas ou vídeos, trazer a origem da peteca, para as crianças e como ela é feita na sua essência.

Sugestão de Vídeo:

https://www.youtube.com/watch?v=6zju_8tLbRtlw



Conhecendo um pouco sobre a origem da peteca:



Originalmente confeccionada com elementos da natureza como palhas de milho, cascas de bananira, folhas de palmeira e penas de aves encontradas no chão, a peteca é parte da cultura lúdica de origem indígena. Peteca, em Tupi, significa “bater”. Nas mãos dos brincantes, encanta e convida a jogar com as mãos, com os pés, com a cabeça e com a o que a criatividade permitir.

Sugestão de vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=CyfCTPdRGKQ>



3) Propor para as crianças, com o auxílio das profissionais da sala, criarem suas próprias pètzeas com materiais recicláveis. Sugestão de construção de pètzea:

Matériaiz:



Bolas de papel amassado

Fonte: produzida pela própria autora

Sugestão de construção:

- 1- Utilizar uma sacola plástica e cortar as alças.
- 2- Colocar a bola de papel amassado no seu fundo.
- 3- Torcer a sacola próximo ao enchimento de papel e amarrar.



Fonte: produzida pela própria autora

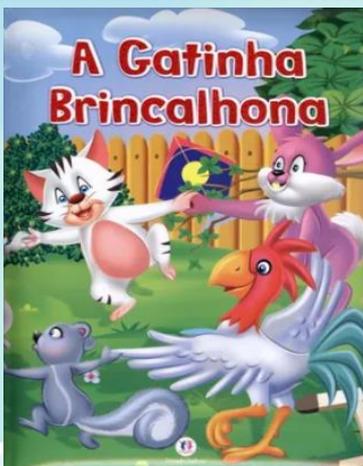
4) Depois da construção da pètzea, deixar uma experiência livre de possibilidades de movimentos com a pètzea. Sugerimos uma música para este momento: “Pètzea”
 Autorz: Margarèth Darzzo · Piehu Borrzelli · Solange Codonho · Filó Machado · Cibèlz Codonho, disponível em <https://youtu.be/dWiP9kjiClA?si=WMKuE2ngA6rYuoV9>

5) Logo após, sugerir uma experiência coletiva, onde uma das crianças mostra uma experiência com a pètzea, e as outras fazem junto, como sugerido pela criança. Sugerimos uma música para este momento: “planta pètzea” / Autor: Cris Barilins
https://youtu.be/qw_2s3UdMYU?feature=share

6) Continuando essa vivência, sugerir às crianças outras possibilidades de brincar com a pètzea podendo ser sozinhas, em duplas ou em grupo. Criar desafios como equilibrar a pètzea com o corpo, jogar por cima de uma corda, acertar, numa certa distância ou em um alvo. Como alvo, pode-se colocar bambolês pendurados como uma “cesta”, ou até mesmo, um baldé. Os alvos, para acertar a pètzea, pode-se utilizar materiais como latas, cones etc.



5.2 “A pipa da gatinha brincalhona”



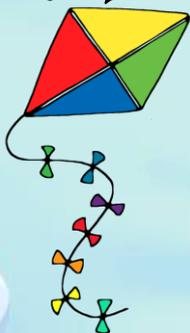
Essa ação pedagógica tem inspiração a partir do livro infantil da Gatinha Brincalhona, da coleção Giranda Cultural (2013).

Esse livro conta a história, da gatinha Zazá que encontra uma pipa na árvore de seu jardim. Então, ela resolve buscá-la. Mas uma grande aventura a aguarda.

Fonte: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/hello-friends/a-gatinha-brincalhona/1519838387>

- 1) Antes das crianças chegarem ao espaço, esconder uma pequena pipa no pátio. Depois de contar a história da Gatinha Brincalhona para as crianças, chamar a atenção para o brinquedo que aparece na história: “A pipa”
- 2) Comentar que outro dia, a professora viu uma pipa caindo aqui no nosso pátio do CMEI. E perguntar as crianças: vamos procurar se ela caiu aqui perto?
- 3) Convidar as crianças para procurarem a pipa pelo espaço. Depois de acharem a pipa, perguntar a elas: “como será que faz para ela voar?” “Será que precisa de vento?” “E se não tiver vento?” “Como vocês fariam para colocar essa pipa para voar?”
- 4) Propor as crianças que experimentem como seria colocar a pipa para voar na visão delas.
- 5) Falar um pouco sobre o brinquedo pipa com elas. Pedir que elas observem quando forem ao ar livre se conseguem achar alguma pipa voando no ar. Pedir que perguntem aos familiares se eles já brincaram de pipa em algum momento da vida delas.

“Pipa”



Fonte:

<https://www.pngwing.com/pt/search?q=pipa>

A pipa é um brinquedo que encanta muitas pessoas por gerações e gerações. É apreciada em diversas culturas ao redor do mundo. Além de ser uma atividade divertida, brincar com pipa traz benefícios para o desenvolvimento motor e criativo das crianças, além de proporcionar momentos de relaxamento e conexão com a natureza. A pipa também pode ser considerada uma forma de arte, com suas diferentes formas, cores e movimentos. Portanto, soltar pipa é uma atividade que combina diversão, aprendizado e expressão cultural.

6) Construir uma pipa com as crianças. Preparar previamente uma pipa de papel já cortada, entregar as crianças e pedir que elas pintem suas pipas como quiserem. Sugestão de como construir a pipa: <https://youtu.be/XSgPOptfWhZ0?si=gjHoL0CwVTMQ1k15>

7) Depois da pipa pintada pelas crianças, amarrar um barbante na pipa e ensinar a música da pipa de papel:

A MINHA PIPA, É COLORIDA
E VOA ALTO, BEM LÁ NO CÉU!
A MINHA PIPA, É COLORIDA
ELA TÃO É LINDA, E É DE PAPEL!

Melodia: Borboletinha / Letra: Prof.: Luciane Yoneda

Disponível: <https://youtu.be/XSgPOptfWhZ0?si=E5Vhm47kTV9p2s-4>

8) Cada um com a sua pipa, pedir que elas soltem a pipa pelo espaço livremente, experimentando colocar a pipa para voar. Sugerimos para este momento as músicas:

“Minha Pipa” Autoria: Mundo Bitá https://youtu.be/2l9nXqvhy6U?si=05B6SfMvq_uC6E671

“A pipa” Autoria: Bob Zoom <https://youtu.be/BnfDyaiQiTe?si=GnjbQ3o8zsr1P02h>

9) Convidar outro grupo para brincar junto e soltar a pipa pintada pelas crianças.

10) Depois da brincadeira com pipa, possibilitar que as crianças levem a pipa para casa e brinquem com seus familiares.

11) Depois das vivências, sugerir ao CMEI criar um momento de culminância com as famílias em espaço aberto para soltar pipas e regatar essa brincadeira cultural.

5.3 “Passzios: para além dos muros”



A ação pedagógica dos passeios para além dos muros do CMEI traz a proposta de explorar e ressignificar, na visão das crianças, os espaços de brincar da Grande Goiabeiras, Vitória-ES. Essa região, além de possuir campos, quadras e parques comunitários, também é muito rica culturalmente, geograficamente, historicamente entre outras riquezas.

Para incentivar propostas pedagógicas que ultrapassem os muros do CMEI com as crianças poderia se planejar, num dia de formação dos profissionais do CMEI já previsto em calendário, um passeio para que os educadores conhecessem o bairro e proximidades. Nesta perspectiva, seria mais concreto para os profissionais visualizarem ações educativas com as crianças que valorizem a cultura regional e os lugares próximos a instituição.

É importante também que durante a reunião de pais, haja uma conscientização e sensibilização sobre a importância da ocupação das crianças nas cidades, na construção e produção do território que não neguem suas infâncias ou que as tornem passivas.

A sugestão seria realizar três passeios anuais com lugares próximos ao CMEI com as crianças para explorarmos as belezas, vegetação, culturas da região, espaços de brincar para que elas possam valorizar, eriar identidade com os lugares e pessoas, conhecer as possibilidades de lazer próximo a elas e atribuir seus próprios significados para estes espaços.

Além de possibilitar a livre exploração destes espaços, estimular às crianças que observem que tipo de animais estão presentes, se tem muitas ou poucas árvores, tipo de vegetação presente. É possível também explorar diversas ações pedagógicas como desafios corporais, contação de histórias, ouvir histórias de moradores antigos, interagir com a cultura local.

Abaixo, algumas opções, dentre tantas, próximas a nós:

Centro Esportivo Goiabeiras- Hi-Fi

Comprende: Campo de Futebol, quadra poliesportiva, pista de Skate, campo de argila, pista de corrida, parquinho para crianças, praça (cães)



Projeto: vista cima



SkatePark



Parquinho

Fonte: <https://m.vitoria.es.gov.br/noticia/praca-de-esportes-de-goiabeiras>

Complexo de lazer e Orla de Maria Ortiz



Fonte: <https://m.vitoria.es.gov.br/noticias/inaugurados-complexo-de-lazer-e-a-nova-orla-de-maria-ortiz-1599>

Quadra da Polícia Interativa – Antônio Honório



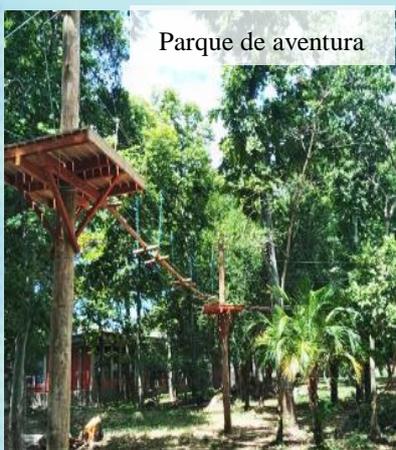
Fonte: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160722_aj06520_bairro_goiabeiras_vitorja.pdf

Panelhas- Goiabeiras



Fonte: <https://www.seculodiario.com.br/cidades/panelhas-pedem-melhorias-para-galpao-em-goiabeiras>

UFES - Universidade Federal Do ES - Campus Goiabeiras



Parque de aventura

Fonte:

<https://divulgacaociencia.ufes.br/teatro-universitario>



Sala de Ginástica

Fonte: <https://www.facebook.com/complexoesportivo.univates/photos/a.752843401554639/1560965720742399/?type=3>



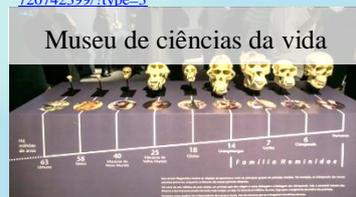
Planetário

Fonte: <https://tribunaonline.com.br/cidades/planetario-de-vitoria-faz-27-anos-e-tem-programacao-especial-de-aniversario-118685>



Teatro Universitário

Fonte: <https://www.facebook.com/complexoesportivo.univates/photos/a.752843401554639/1560965720742399/?type=3>



Museu de ciências da vida

Fonte: <https://divulgacaociencia.ufes.br/museu-de-ciencias-da-vida-0>

5.4 “Dia da saudade”

O “Dia da Saudade” é uma sugestão de ação pedagógica que envolve interação entre turmas. Observamos que, no período de início do ano letivo, as crianças estranham a nova sala, os objetos e as profissionais da sala. Nessa interação, o grupo visitaria sua antiga sala, conheceria os alunos que estão lá atualmente, poderiam rever sua antiga professora e brincar no seu antigo espaço de aula. A turma também poderia interagir uma com a outra, realizar brincadeiras com música, desafios, contação de história e outras possibilidades.

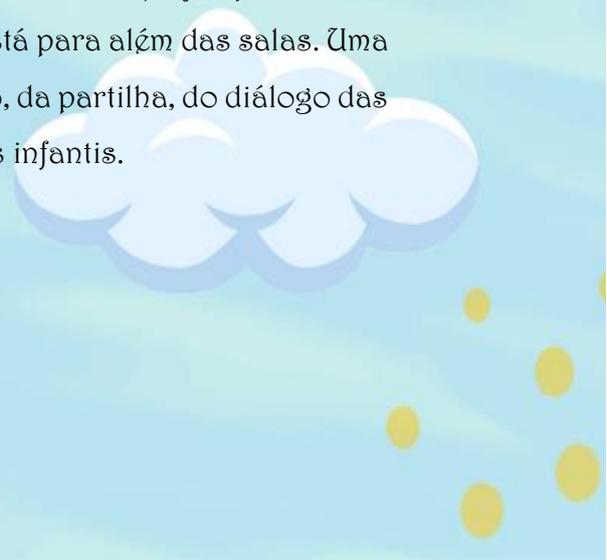
Desta forma, seria explicado às crianças que agora elas estão num novo espaço, com outra professora e que também será muito legal e divertido na nova sala delas. Poderiam também fazer um convite para que o grupo mais novo visitasse a sua sala, para conhecer seus novos brinquedos, seu novo espaço e as brincadeiras que fazem naquele novo lugar. Uma brincadeira que poderia ser explorada no espaço da sala, seria criar, junto com as crianças, túneis e pontes, utilizando as próprias cadeiras e mesas da sala, resignificando o espaço e criando um “cenário” para novas formas de uso. Nesta ação, seria incentivado a um ajudar o outro a transpor os obstáculos, respeitando seus modos e limites, valorizando as experiências de movimento corporais criadas também nas enunciações infantis e no diálogo com elas.



O processo de acolhimento da criança exige dos profissionais envolvidos, muita sensibilidade na observação sensível aos desejos, inquietações e necessidades das crianças. São outros profissionais, uma nova sala, outras crianças, um novo começo ou um recomeço.

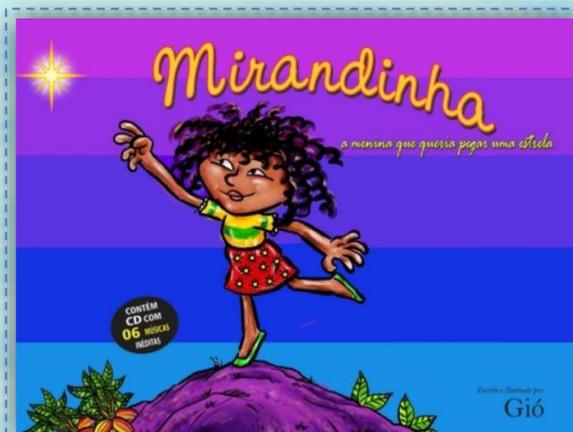
Cada criança tem seu próprio ritmo de adaptação e esse processo não deve ser rígido ou padronizado. Ele deve respeitar as singularidades dos envolvidos. Assim, essa visita ao espaço antigo, poderia suscitar um incentivo a novas aprendizagens e encorajar novos desafios para elas no processo de crescimento e transformação vivenciada, assim como, ser uma rica possibilidade de proporcionar uma interação entre diferentes grupos com contexto e intencionalidade.

Assim, aumenta-se o repertório das aprendizagens através do convívio, já que um pode aprender com o outro (cultura de pares) além da possibilidade de interagir com outros profissionais que não atuam especificamente em cada turma. Desta maneira será possível: repensar e transformar rotinas de trabalho que supervalorizem os espaços fechados e propiciar contato cotidiano com o mundo que está para além das salas. Uma socialização oportunizando o lugar do encontro, da partilha, do diálogo das diferentes culturas dentro das próprias culturas infantis.



5.5 “Mirandinha e a estrela”

Essa ação pedagógica é embalada pelo livro infantil: “Mirandinha: a menina que queria pegar uma estrela”, do autor Gió Araújo. O livro acompanha um CD com 6 músicas sobre o livro em ritmos variados.



Fonte: <https://universohq.com/noticias/ilustrado-r-gio-lanea-mirandinha-menina-que-queria-pegar-uma-estrela/>

A personagem Mirandinha, uma menina negra do cabelo encaracolado, inteligente e audaciosa que não desiste dos seus sonhos ainda que pareçam impossíveis. Ela enfrenta vários obstáculos para alcançar a estrela que tanto deseja. Nesse percurso de busca pela tão sonhada estrela, ela descobre um mundo ao seu redor, encontra tempo para apreciar sua cidade, ver a solidariedade dos amigos para com os vizinhos, observa a natureza e começa a viver cada minuto com muita alegria e prazer. O autor, Gió de Araújo teve como inspiração para este livro, sua esposa Noélia Miranda, que inclusive participa da composição das músicas do CD.

Fonte: <https://www.nsorommaeditora.com/mirandinha-estrela>

Indico a leitura a todas as pessoas interessadas por literatura infanto-juvenil. Este livro é muito interessante e traz questões étnico raciais, de desigualdades sociais, importantes para debater desde a infância com as crianças.

A proposta pedagógica iniciaria com a apresentação da personagem da história para as crianças.

Mostraríamos uma ilustração da “Mirandinha” para que os alunos pudessem ver com detalhes, quem ela é, cores das roupas, cabelo e beleza.

Depois de apresentada a personagem, leríamos a página 5 do livro que conta que Mirandinha tinha um sonho de ter uma estrela só para ela. Convidaríamos as crianças para acompanhar essa história em outro espaço especial.



Fonte: https://www.instagram.com/reel/C1FF8VFOWhn/?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=MDQwZDY1YmMyMg%3D%3D

Após a apresentação de Mirandinha as crianças seriam levadas para uma sala escura, com luzes compondo um cenário que remetesse “estrelas”.



As crianças seriam convidadas a dançar, se movimentarem e explorar o espaço ao ritmo da primeira música 1 do CD no ritmo do frevo que acompanha o livro.

Música: “Mirandinha” que apresenta a personagem composta por: Gió, Noélia Miranda e Marcus Moulin

Disponível em:

<https://youtu.be/HOC14K59ESc?si=I6YbQHgiLeWvYtUx>

A história do livro continuaria a ser contada na sala de luzes, com as páginas do livro 6 e 7, convidando as crianças a participarem da apreciação das “estrelas” e também da “lua” que poderia ser projetada na parede com a ajuda de uma lanterna. Na história “Mirandinha”, depois de subir num morro para “alcançar uma estrela” ela aprecia a lua. Novamente, as crianças dançariam com a segunda música do CD: “Lua Bola de prata”

Disponível: https://youtu.be/3p_lzwtlzgdU?si=yqi7yq1WC1w5212MW

A continuação da história seguiria em sala em outro momento. Importante retomar a história para que as crianças relembrem. “Mirandinha” continuaria sua aventura para pegar uma estrela. Subiria em escada, na árvore e com isso passou a apreciar a bela natureza que havia no local.

Podríamos perguntar as crianças se elas já foram em espaços bonitos e de natureza, como a que Mirandinha teve a oportunidade de apreciar na história. Mostrar fotos de espaços com natureza que temos próximo ao CMEI, principalmente do manguezal que margeia nossa região.

Falar da importância da preservação do manguezal, berço dos animais e que não devemos jogar lixo e não desmatar.

As crianças seriam convidadas a dançar e bater palmas ao som da 4ª música do livro, no ritmo do congo:

“Delícias de saborear”

<https://youtu.be/TRr7K6LQNPk?si=c01Rdi6WpXVj7BFU>



Manguezal da região de Maria Ortiz em Vitória
Crédito: Fernando Madzira. Disponível em:
<https://www.agazeta.com.br/meio-ambiente/guardiao-do-manguezal-entra-na-lama-para-salvar-berco-dos-animais-no-es-0622>

Abre-se também a possibilidade do trabalho com o ritmo congo e seus instrumentos.

Após dançar e cantar, as crianças são convidadas a ir para o pátio, para o parquinho ou para quadra brincar de escalar cordas colocadas no espaço, subir em obstáculos e explorar desafios corporais, assim como nas aventuras de “Mirandinha”.

Sugerimos colocar caixotes e tatames para que elas possam subir e pular de diferentes alturas, cordas amarradas nos escorregadores para que elas possam tentar “escalar”. Também, pendurar cordas com nós em diferentes espaços para que elas possam tentar subir.



Continuar a ação pedagógica com as crianças e a contação da história do livro, dizendo que “Mirandinha”, depois de subir tão alto, viu ações sociais acontecendo na cidade, que antes, ela não havia parado para reparar. Refletir com as crianças essas questões.

Depois pensar junto com as crianças que ações que elas podem fazer no nosso CMEI para deixar o ambiente mais fraterno, respeitoso, feliz, de união e ajuda ao próximo. Que palavras são importantes serem ditas no nosso dia a dia? Que simples ações podemos fazer para ajudar o outro?

Depois convidar as crianças a dançar ao som da música 5 do CD “Viver e Aprender”

<https://youtu.be/6EhhDsof4yc?si=10kJLbBfjseKQSPpW>

Finalizar a história com as crianças. Refletir toda a história perguntando a elas que momentos são especiais na vida delas? Esse tema também pode ser refletido com as famílias, sensibilizando-as para cultura de paz.

Após a roda de conversa com as crianças, convidar que brinquem com brinquedos “barangandam” e os transformem em foguetes e estrelas cadentes. Explorar o brinquedo, lançando, jogando para cima, girando entre outras diversas possibilidades.

Para este momento de encerramento, sugerimos a música 6 do CD do Livro “Estrela brilhante” e também o vídeo:

Disponível <https://youtu.be/D91NisfKQ5s?si=krtzdNjbt3PBq3FB>

6. Conclusão

Com este recurso educacional, podemos refletir a importância de ações pedagógicas que possibilitem e valorizem as experiências de movimento corporal das crianças pensando estas como interesses e necessidade típico da cultura infantil.

As ações pedagógicas sugeridas ao longo desta proposta, têm um intuito de serem uma inspiração e de possibilidades de mediação com as crianças adaptando-se sempre ao período etário, espaços e materiais disponíveis sendo imprescindível um olhar sensível do professor à ressignificação infantil e interesse das crianças durante a execução da atividade.

Desta forma, a intencionalidade não foi trazer algo pronto como uma receita de bolo, tendo que seguir o uso dos ingredientes e modo de fazer como num “passo a passo” para que a receita não “desande”. A proposta foi trazer alternativas criativas com as experiências de movimento corporal das crianças e que, concomitantemente, valorizem a cultura infantil, as brincadeiras e resgatem a identidade, diversidade cultural e riquezas do nosso entorno.

Importante salientar que estas propostas podem se desdobrar em outras tantas ou, até mesmo, serem divididas em vários momentos durante o ano. Também podem ser utilizadas como inspiração para projetos institucionais ou como formas de repensar o cotidiano no contexto da educação infantil.

Encerrando essa jornada do Mestrado profissional agradecemos imensamente a todos aqueles profissionais do CMEI Darcy Castello de Mendonça que participaram e colaboraram neste estudo e a Prefeitura de Vitória pela autorização da pesquisa no CMEI e a Capes/PROEB - Programa de Educação Básica (Proeb), pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (ProEF) em Rede Nacional.

7. Referências

ANDRADE FILHO, N. F. de. **Experiências de movimento corporal de crianças no cotidiano da Educação Infantil**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: <https://old.cev.org.br/arquivo/biblioteca/4021212.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2023.

ANDRADE FILHO, N.F. de. Observação compreensivo-crítica das experiências de movimento corporal das crianças na Educação Infantil. **Movimento**, v. 19, n. 1, p. 55-71, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/articler/view/26491>. Acesso em: 24 jul. 2023.

ANDRADE FILHO, Nelson Figueredo de; SCHNEIDER, Omar. Educação Física para a Educação Infantil: conhecimentos e especificidade. São Cristóvão: Editora UFS, p.177-225, 2008.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.seizlo.br/j/rbzdu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVdxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2023.

BUSS-SIMÃO, Márcia; Candal. Nota crítica sobre a composição de pedagogias para a educação infantil. **Revista em aberto - INEP**, v. 30, p. 83-93, 2017.

EVANGELISTA, N. S., & MARCHEI, R. de C. Sociologia da infância e reprodução interpretativa: um modelo redondo do desenvolvimento infantil. **Educação E Pesquisa**, 48, e241891, 2022.

LIMA, J. S.; MARTINS, R. L. R.; OLIVEIRA, V. J. M. O planejamento da educação física com a educação infantil na perspectiva da sociologia da infância. **Zero-a-Szis**, v. 24, n. 45, p. 379-402, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroszis/articler/view/82234>. Acesso em: 14 março 2024.

LOUZADA, Susana da Rocha. **Práticas educativas de professores dinamizadores de Educação Física para além dos muros do CMEI: possibilidades/potencialidades e desafios**. Orientador: Dr. Nelson Figueredo de Andrade Filho. 2023. 145 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.

PEREIRA, L. H. P.; BONFIM, P. V. A Corporalidade e o Sensível na Formação e Atuação Docente do Pedagogo. **Contexto e Educação**, ano 21, n. 75, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/articler/view/1109>. Acesso em: 15 jul. 2024.

VITÓRIA. Secretaria Municipal de Educação. **Grênciã de Educação Infantil**. Diretrizes Curriculares da Educação Infantil. Vitória-ES, 2020.

SARMENTO, M. J.; GOUVEIA, M. C. S. (Org.). Estudos da infância: educação e práticas sociais. Petrópolis/RJ: Vozes, p 1-30, 2008.